



REDACTOR PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**

\* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho \*

EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração — Calçada do Cambro, 58-A, 2.ª

Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. *Batalla* — Lisboa — Telefone: 1

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## INQUILINOS OU SENHORIOS?

Anteontem, os inquilinos reunidos na sede da União dos Sindicatos Operários, demonstraram, por uma forma bem clara, que não podiam nem deixar de explorar durante mais tempo pela ganância dos senhorios, que pelo facto anormal de serem detentores das nossas habitações, tocas e côcoes, se arrogam o direito de exigir rendas fabulosas, rendas que o povo trabalhador não pode pagar sem sacrificar o estômago da família, que, por esse motivo, vegeta, se tuberculisa e morre lentamente à míngua de tudo. Não pode ser. Hoje a renda da casa é uma preocupação constante, é um flagelo maior do que a aquisição dum par de botas falsificadas ou dum fato em segunda mão.

Dessa desmedida ganância resultou um movimento consciente do povo, que dia a dia vai aumentando de razão, de força e, se os governantes não souberem deter os apetites desenfreados da burguesia, essa razão e essa força redundarão em violência, baseada na nítida compreensão da injustiça social, violência que ligará, que agitará outras questões escandalosas e não sabemos, depois, onde o povo levará a sua cólera, a sua sede de justiça.

Na entanto, estamos convencidos de que os senhorios a par de serem ambiciosos em extremo, são também um pouco astutos. E', portanto, provável que a sua astúcia, a sua prudência detenham por momentos a carreira doida das suas ambições e esperem melhor ocasião para envolver o povo desvendado nas malhas apertadas da sua rede de patifarias. Se assim compreendermos, estamos convencidos de que, se não baixarem, pelo menos não aumentarão as rendas durante estes meses mais próximos. Eles não desistirão, cremos; esperarão atentos, tomarão o fôlego para nova arremetida.

Mas, outra exploração subsiste ainda, mais revoltante, mais coarctada, que nem sequer tem uma lei sôfista que simule pôr-lhe um freio — é o aluguer de quartos e partes de casa.

Pede-se por um quarto a renda de uma habitação; pedem-se verdadeiras exorbitâncias por uma parte de casa. Contra esta exploração, que grande número de inquilinos vem exercendo sobre os que mourejam, deve o povo trabalhador dirigir também a sua justa indignação.

Esses inquilinos não se importam em garantir os senhorios uma renda elevadíssima, porque se desforram, e desforram bem, negociando com os compartimentos, sediado muitas vezes por cada um deles a importância que paga por toda a moradia. E tem-se suportado isto porque, dada a assustadora falta de casas, um indivíduo não tem outro remédio senão dirigir-se ao matadouro pelo seu pé, submeter-se aos caprichos do inquilino-senhorio que, bastas

vezes, por favor, se aproveita de uma situação alheia e o obriga a pagar o que muito bem entende por um abrigo insalubre e acanhado.

Paga-se um dinheirão e ainda por cima não estamos na nossa casa; temos a nossa existência intimamente exposta aos olhos opressores da hospedeira, que espalha pela vizinhança todas as particularidades da nossa vida, desde o par de peúgas que repousam no fundo do nosso baú velho até aos jornais que lêmos, às palavras trocadas com a nossa companheira; desde o número de vezes que rimos até ao maior número ainda de vezes que lastimamos a nossa vida miserável, enfim tudo, tudo quanto gostamos de fazer à nossa vontade, tudo é abocanhado, mordido pela calúnia infecta das senhoras vizinhas.

O quarto alugado é caro, é anti-higiénico, imoral, repugnante e incómodo. Pagar, por toda esta série de cousas torpes, maquiavísticas que produzem imediato vício nas nossas dôlas e a fome das esposas e filhos, é brutal, é insuportavelmente desumano! O povo trabalhador e consciente, o povo que sofre e não é senhorio nem inquilino explorador, tem que resolver-se a acabar do vez com esta meada de pequenas e grandes infâmias!

Neste caso especial onde a lei não entra, nem o Estado colabora, só o povo pode exercer a sua justiça. Esta situação só a ele diz respeito, esta situação é sua, exclusivamente sua. Portanto, só ele, o povo que geme e suporta o peso brutal da época, é que pode resolver esta importantíssima questão. De que maneira? E' preciso estudá-la? Que se estude, mas não se perca tempo em morosas esperas. Enquanto não encontrarmos um meio eficaz que possa ser adoptado pela maioria dos explorados contra os seus exploradores, que se empreguem todos os meios; que das nossas algibeiras não saia mais do que o estritamente necessário para remunerar o trabalho (?) do inquilino-senhorio. Façamos-lhes ver que eles não têm o direito de regaladamente viverem à custa da nossa miséria; obrigemo-los a procurar outro género de trabalho que não seja o gôso do nosso sofrimento.

E' necessário que os senhorios se convençam de que as suas habitações pertencem com mais justiça aos que as habitam, aos que delas têm necessidade, aos que as construíram ou, indirectamente, pelo seu trabalho, as ajudaram a construir, do que propriamente a eles que as pagaram com o nosso dinheiro. Que se contemtem, pois, com uma quantia razoável, porque sendo a renda uma coisa injusta e fictícia é natural que, um dia em que justiça seja feita à face da terra, as rendas se deixem de pagar.

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### Os técnicos contra o patronato

A propósito da iniciativa da C. G. T. francesa, o jornal amarelo *Liberté* perguntou à União Sindical dos Técnicos da Indústria, Comércio e Agricultura (Ustica) se os técnicos representados no Conselho Económico do Trabalho (C. E. T.) compreendem directores de fábricas, engenheiros em chefes e patrões.

A Ustica respondeu que não. Os sindicatos são engenheiros e outros técnicos salarizados. E' a função específica, capitalista que os empregam os consideram competentes para a direcção das empresas que assumem, lares de achar com toda a certeza que são também competentes, no seio do Conselho Económico do Trabalho, para estudar a preparação da matéria bruta, a organização da produção e das trocas, não já em vista de interesses particulares, mas no interesse geral da colectividade. O novo agrupamento sindical pretende intervir na elaboração do mundo novo que vai suceder à guerra.

Formidável resposta à especulação que consiste em confundir o técnico com o patrão, em incluir aquele na classe patronal, cuja função específica, simbolizada no accionista, é inteiramente parasitária e improdutiva.

Mais feliz do que a Rússia, a França revolucionária vai ter à sua disposição, na imminente remodelação social, um numeroso pessoal técnico.

### A falência

De Anatole France: «Mais do que nunca, após uma guerra que demonstrou a irremediável falência dos meios técnicos e dos sentimentos morais que o capitalismo põe em acção para sujeitar o mundo inteiro aos desígnios duma classe, creio que só o socialismo será capaz de organizar uma ordem estável, de garantir a paz universal, de emancipar a consciência humana e de reservar, enfim, a secular civilização». — Anatole France.

### O frio

Aproxima-se o inverno, e já os últimos dias têm sido dum frio intenso, flagelador, insuportável, inquisitorial. Para os ricos, o inverno é a estação mais ansiosamente esperada. Abafos bons, caloríferos eléctricos no quarto, automóvel prático, e assim se vai passando a quadra frígida quasi sem um cavaleiro aperecebre de acentuada descida termométrica. Para os pobres, porém, o caso é diferentemente afigurado. Quem mal ganha, mal come. E quem deficientemente se alimenta não consegue promover a conservação do calor orgânico. As extremidades arrefecem logo ao erguer do leito mal fornido, num quarto sem abrigo e sem conforto. A roupa é pouca e não isola o corpo das arremetidas do frio. Nas oficinas, quando o trabalho não é de molde a afadigar até o suor, tira-se a valer. Assim é o inverno para os pobres. E os últimos dias anunciam recrudescências pavorosas de frialdade. Numa vila do norte, como noutra logo se diz, morreram já duas pessoas vitimadas pelo frio. E assim se torna para uns em flagelo mortífero, e para outros não é mais que uma leve impressão voluptuosa. Quando voltará a primavera, a tpeidez carinhosa dos dias grandes, o deslumbramento do céu limpo, luminoso e vivificador?

### Os tsaristas

O deputado inglês tenente-coronel Cecil Malone, que visitou a Rússia, fez interessantes declarações no parlamento e na imprensa: «Num artigo publicado no *Daily Express*, nota entre outras coisas que os Aliados não podem contar com a amizade de Kolchak e Denikin, os quais não têm nenhuma simpatia por eles e especialmente pela Inglaterra. As forças tsaristas são acima de tudo germanófilas, e só por necessidade se declaram pelos Aliados.

Os Aliados vêem-se forçados a uma política duplice, ora coadjuvando os tsaristas, para reconstituição da Rússia imperialista, ora contra eles, em favor dos pequenos Estados independentes do Báltico, onde o imperialismo germânico e o russo se mostraram francamente de braço dado. Esta política não pode convir aos tsaristas, que se puderem refazer o antigo império, não de mas é ajudar os imperialistas alemães a readquirir o antigo poderio, firmando com eles um pacto de aliança, baseado numa troca de serviços para mútua consolidação.

Para este fim trabalham os Aliados, por ódio à nova ordem social russa, que, no dizer de Malone, «mostra muitos elementos de permanência, e tem raízes já profundas na mente do povo russo, que despertou».

## A paz com a Rússia bolhevista

### Para estabelecê-la, pede a Estónia a criação dum novo Estado

PARIS, 17.—O Ministro dos Negócios Estrangeiros da Estónia telegrafou à Conferência da Paz, em nome da Conferência Báltica, que julga necessário, para um armistício entre os Estados Bálticos e o Governo dos Soviéticos, a criação entre a linha de batalha russa e os Estados Bálticos duma zona neutra sob a administração dum terceiro Estado.

Encarrega a Conferência da Paz da organização da administração na zona neutra, com o fim de garantir a execução das cláusulas dum eventual Tratado. — Rádio.

## AS CASAS

Se, na actual sociedade, quem paga um objecto se torna, por direito, seu proprietário, aqueles que hoje se dizem proprietários das casas que alugam, não o são por direito, embora o sejam de facto. Esse direito cabe à colectividade que, aos senhorios, tem pago o valor das suas casas repetidas vezes.

A tese, encerrada na epigrafe, não é difícil de defender.

Suponhamos as seguintes condições de proprietários, que seriam as mais equitativas, se a hipótese fosse realizável em toda a sua plenitude:

Imaginemos um homem privilegiadamente dotado: saúde a toda a prova; robustez notável; inteligência superior; habilidade extrema; saber abalizado; em teoria, mui profundo; na prática, uma maravilha em todos os ofícios e artes; uma palavra: um portento de energia física, moral e intelectual.

Ora bem; este homem propõe-se construir uma casa para si. Os materiais não lhe faltam; ciência, vigor e destreza sobejam-lhe. E'lo que se põe à obra: escolheu o terreno; estudou a orientação; abriu já os caboucos; e, como para tal empresa, lhe é necessária ferramenta, é a fabrica de toda a espécie adequada aos diferentes ofícios que tem de exercer. E'lo que arranca à pedreira a pedra de que carece; já fez o alicerce; como precisa de cal, edificou o forno; acarreou a pedra calcária, foi à charneca roçar mato para a calcinação; pás, picaretas, enchedas, etc., etc., tudo isso foi feito com o minério de ferro que foi estrair a entranha da terra à qual também tirou a alhulia; além disso fabricou o carvão vegetal, construiu fornos para a produção do aço, forjas competentes onde forjou as diversas peças metálicas, etc., etc. E'lo agora que vai levantando as paredes: é o pédroreiro; o servente; é também o carpinteiro; estende o vigamento, os frechais; eleva os prumos; rasga as janelas e as portas; estabelece as asas de consolidação; as vergas, os travessanhos, os pendurais: e'lo agora de colher e trolha na mão a encher os frontais, os tabiques. As madeiras, foi ele buscá-las à floresta; armou-se do machado e do serrão; abateu as árvores que entende; cortou-as em vigas; serrou depois em pranchões; escolheu, destes, os próprios ao fim que tinha em vista. Mas, a obra vai adiantando-se; as empenas já chegaram ao espigão respectivo; foi árdua a tarefa de estirar as madeiras e lá ficou correndo o pau de fileira.

O nosso homem não embandeirou como é costume: para isso teria transformado-se em tecelão, tintureiro e costureiro, além de fiandeiro; e, francamente, seria trabalho supérfluo neste ocasião em que a sua casinha requere ainda tanto da sua inesgotável actividade e de ciência. Torna-se urgente acabar o telhado. O vareado está pronto; aplica-se, pois, as telhas; faça-se a obra de zinco: eis o nosso herói — porque é um herói, não tenham dúvidas — eis, portanto, o nosso herói feito latoeiro e novamente carpinteiro e pedreiro: faz os rebocos; guarnece de alizares, rodapés e forros, o interior da habitação; o soalho já está colocado. Agora está feito o estuque, o pintor e formador: é ele o gesso, os ornatos, os estuques; fabrica as tintas, os óleos, os pinceis; foi broxante e deu aguadas; foi fingidor, pintou os frescos em certas salas; noutras caprichou em revestir as paredes de primores a óleo; e, como está na vanguarda do progresso, é também electricista: ilumina a sua casa e faz o aquecimento, a cozinha, a lavandaria e a engomadoria a electricidade. Exercerá cumulativamente um sem número de ofícios: foi engenheiro, arquitecto, mineiro, agrimensor, cabocreiro, carpinteiro de machado, racheador, serrador, serralleiro, ferreiro, fundidor, carvoeiro, carpinteiro de casas, carregador, torneiro, estuqueador, latoeiro, formador, servente, pintor, dourador, bronzeador, electricista, canteiro e escultor, vidraceiro, entalhador, etc., etc. E' como quer que a sua casinha seja obra plenamente sua, ainda encontrou, em si, energia suficiente para arranjar o seu alimento e vestuário, enquanto trabalhava na obra. E'lo, pois, feito também cozinheiro e alfaiate, sapateiro, chapelheiro, camiseiro, etc.; e, ao mesmo tempo, pastor, lavrador, curtidor, tratador de gado, aguadeiro, criador de aves de capoeira, caçador, etc., etc.; com outro sem-número de profissões essenciais à vida, que ele teve de exercer.

Está finalmente concluído o prédio de casas.

Eis a obra deste homem: nada deve senão a si e à natureza. Não falem na ciência que este ser privilegiado aprendeu dos outros homens e encontrou já feita, ciência que ele podia ter acrescentado, mas que não criou.

Não falem...

O prédio está pronto.

Ninguém, em boa doutrina, pode negar a este homem o direito de chamar sua a casa que ele sózinho construiu. Ele fez tudo; tudo foi cabocreiro até a pintura; mineiro até a electricidade; ele foi o arquitecto e o operário; o decorador e o carroceiro; o engenheiro e o artista.

Este homem é, pois, o proprietário de facto e de direito.

Não há, certamente, direito de propriedade mais bem fundamentado do que este.

Pois bem: um dia este homem resolveu ceder a casa a outrem por motivos que não lhe importam.

E' incontestável que tem o direito de fazer.

Mas... precisa que o compensem do esforço empregado...

E' justo.

O nosso homem faz os seus cálculos...

A energia dispendida, energia colossal! O talento, a arte, a ciência, a destreza, o engenho, que utilizou; os materiais que arrancou à terra, os que preparou; o enorme e complicado arsenal que fabricou, tudo quanto entrou na elaboração do seu prédio, tudo quanto para ela concorreu devido ao seu extraordinário saber e habilidade — inclusive a sua alimentação durante o período de tão árduo trabalho — tudo isso foi sabiamente ponderado e avaliado.

E o nosso homem chega a esta solução: — O meu prédio vale X contos. Junta-lhe uma percentagem para salvaguardar prejuízos supervenientes, fica o valor em Y contos.

Logo se lhe entregarem este Y contos duma só vez ou em prestações, o nosso herói (como se diz nos romances, e só nos romances poderia realmente aparecer um personagem assim...) o nosso herói, diziamos, considera-se compensado...

Ora a renda, vista através do prisma duma justiça, não é outra coisa senão uma prestação por conta dum maior capital — embora o Código, que é o artifício, estatua critério diferente. Por conseguinte, chegará um momento em que o montante das rendas pagas prelar o valor integral do prédio; e o nosso homem havendo recebido esse montante, não tem direito de exigir mais dinheiro, porquanto acha-se, em seu entender, compensado do esforço, talento e saber utilizados na construção da sua propriedade. Para melhor nos fazermos compreender: se o valor Y acima supposto for de 30 contos e a renda anual 1 conto, segue-se que, ao cabo de 30 anos, as casas estão pagas ao dono e devem, por consequência, ser agora propriedade de quem as pagou.

Vê-se, pois, que, dado mesmo o caso inverosímil de um homem reunir em si tanta ciência, tanta arte, tanta habilidade, tanto engenho, tanta força e saúde a ponto de tudo poder produzir quanto basta à sua existência; e assim ter construído um prédio cuja propriedade ninguém pode contestar-lhe, visto o mesmo prédio representar o esforço e o saber dele só — esse homem perde o direito à tal propriedade pelo único facto de, havendo-a valorizado num Y contos compensador, ter recebido de outrem o valor citado Y contos do seu prédio.

Que diremos agora do direito daqueles proprietários que (e é o caso geral) não construíram as suas casas por si sós ou as edificaram ajudados de outros trabalhadores? Que diremos daqueles que nem as compraram, mas as herdaram?

Na verdade, esses proprietários só o são por virtude de sofismas em que esta sociedade é fértil.

O que é indiscutível é que, sejam as casas edificadas pelos seus proprietários — e só por eles, desde a produção das ferramentas e matérias primas (o que é impossível, mas o único caso em que a propriedade seria justa e indiscutível); sejam elas construídas com auxílio de operários; sejam compradas; sejam herdadas; o direito de propriedade cessa para aquele que pelo seu prédio recebe o valor do mesmo; e transfere-se para quem lho pagou por qualquer forma, ainda mesmo a de prestações chamadas rendas.

Como se sabe, não é vulgar que durante o tempo bastante para embolsar o dono do valor das suas casas, seja sempre o mesmo inquilino quem lhe paga a renda; sendo, pelo contrário, frequente que vários inquilinos, até mais duma geração, vão habitar o mesmo prédio. Além disso acontece que, no decurso dos anos, a mesma propriedade é paga diversas vezes ao seu proprietário ou aos seus herdeiros ou tomadores. Daqui se conclui que é materialmente impossível, sucedendo-se os inquilinos numa série infinita, determinar a quem realmente pertence, a final, de direito, a propriedade.

O que não oferece contestação é que muitos indivíduos pagaram a sua cota parte e que as casas estão pagas e pagadas vezes sem conta.

Logo, em boa justiça, elas pertencem a todos nós; quer dizer: elas são pertença da colectividade por direito inatável e não dos que hoje se dizem seus senhorios.

Isto que acabamos de concluir é exactamente não só abstractamente como no campo concreto dos números. Se consultarmos qualquer estatística oficial, vê-se que a propriedade em pouco tempo é paga aos seus detentores.

Assim, por exemplo, analisando o Anuário das Contribuições Directas, do ano económico 1913-14 — o mais recente que obtive — encontramos que o rendimento colectivo das casas nos quatro bairros de Lisboa foi de 10.300 contos (números redondos). Ora este rendimento — o que foi confessado para o efeito da Contribuição Predial — correspondia ao capital de 206.000 contos, valor da propriedade urbana nos mesmos bairros. Pois com aquela renda, ficamos os senhorios embolsados no prazo de 20 anos da importância dos seus prédios.

Calcule-se quantas vezes os prédios construídos no tempo do Marquês de Pombal já têm sido pagos aos seus donos! E note-se que aquela cifra de

## A' POPULAÇÃO DE LISBOA

### Contra os senhorios gananciosos!

Não pode o povo de Lisboa conservar-se alheio às manifestações de protesto que a União dos Sindicatos Operários, como legítima representante do proletariado organizado, vem levando a efeito contra os sórdidos senhorios que, sofismando a lei do inquilinato, estão, com a aquiescência, senão com a cumplicidade do governo e das autoridades, elevando desmesuradamente a renda das casas, ao mesmo tempo que a Associação dos Proprietários prepara terreno para que aquela lei seja modificada de molde a permitir aos senhorios uma extorção maior sobre a população da capital.

Os protestos individuais não tem valor algum. O que vale, o que perdura são as manifestações colectivas e estas fazem-se, primeiro, acorrendo a população de Lisboa às sessões de protesto que se estão realizando nas associações operárias, e, depois, indo em massa ao grande comício público.

Quem se deixa ficar em casa não tem autoridade moral para queixar-se.

AMANHÃ

Sessão, às 21 horas, na sede da Associação dos Manufactores de Calçado, Rua do Arco do Marquês de Alegrete, 30, 2.ª.

## INQUILINOS, EM GUARDA!

### Oponham-nos a novos assaltos!

Prossegue o movimento dos habitantes de Lisboa contra a ganância infrene dos senhorios, movimento que mister é seja avolumado de tal modo que possibilidade não haja de sermos sujeitos a uma nova extorção.

Que todos os lesados e aqueles que estejam na contingência de o vir a ser dêem, no seu próprio interesse, o máximo do seu apoio à União dos Sindicatos Operários, que nesta conjuntura, como em muitas outras, defende não só os interesses da classe operária, mas de todos quantos não são ricos!

Nota oficiosa da União dos Sindicatos Operários

No próximo dia 27 realizar-se há, em Lisboa, o comício pró-barateamento das rendas das casas, onde será apresentada um projecto de pagamento equitativo das mesmas rendas, por metro cúbico, sendo, para esse efeito, dividida a cidade em zonas, devendo propor-se igualmente a greve do inquilinato contra o premeditado aumento, movimento este que deveria ser iniciado a partir de 1 de Dezembro.

### Nota oficiosa

Recebemos a seguinte nota:

«Não tem fundamento a notícia dada por alguns jornais de que iam ser os senhorios autorizados a aumentar as actuais rendas de 40 %, porquanto nada está assente por enquanto sobre alterações a introduzir na lei actual. O ministro da justiça já há dias convidou várias associações a nomearem os seus delegados para constituir com outras entidades, uma comissão encarregada de estudar o assunto e propor as alterações que entender justas.»

### Inquilinos piores do que os senhorios

Dirigiram-nos a seguinte carta, que bem revela o espírito de ambição duma nova casta, que não pertencendo à dos senhorios, nem à dos inquilinos, ou pertencendo a ambas, mostra uma falta de escrúpulos e uma baixa de carácter que revoltam:

«Camarada Redactor: — Tenho acompanhado a questão do inquilinato de que esse órgão vem tratando.

Creia que há na classe média e mesmo entre operários (se se pode chamar operários a esta qualidade de gente) indivíduos tão ou mais exploradores do que os próprios senhorios, e vou mostrar-lhe dois exemplos.

Na Rua Silva e Albuquerque, n.º 40, 2.ª, mora um indivíduo chamado José Tavares, que se diz operário das Obras

rendimento é inferior mui provavelmente à realidade, sabido que o senhorio tem interesse em ocultar o valor das suas rendas... e que portanto o prazo de amortização deve ter sido inferior aos 20 anos calculados. Além disso aquele capital de 206.000 contos foi calculado em função duma taxa muito pequena, porquanto a taxa do rendimento da propriedade é superior aos 5 % consignados — principalmente na actualidade...; neste caso o valor dos prédios urbanos desce abaixo daqueles 206.000 contos e, consequentemente, o prazo de reembolso aos senhorios torna-se ainda mais curto.

Logo, por uma forma ou por outra, as casas estão pagas e pagadas aos que se dizem seus proprietários e quem as pagou fomos nós todos; isto é: a colectividade.

Quod erat demonstrandum...

José Carlos de SOUSA

Públicas, mas que em geral não trabalham, em virtude da exploração que exercem sobre os que se vêem obrigados a andar por quartos alugados. Essa exploração rende-lhe o suficiente para andar à boa vida. Tem alugados na mencionada rua, um segundo e terceiro andar, pelos quais paga pouco mais ou menos 18\$00, pois ali mora há bastante tempo e as rendas são antigas. No segundo andar tem três quartos divididos por biombo, mobiliados com uma rede cama e umas táboas que servem de banhuilha de cabeceira, pedindo \$800 por um e 7\$00 pelos outros dois, com a agravante do ar neles entrar com grande facilidade. No terceiro andar tem cinco quartos nas mesmas condições de mobiliário e higiene, orçando as rendas de cada um deles entre 6 e 8 escudos.

Porém, não fica por aqui esta vil exploração. Cada hóspede paga \$34 de água, isto se o indivíduo não for caçador, porque, de contrário, se quiser lavar roupa e tomar banho já a coisa muda de figura.

Isto é onde pode chegar a audácia de um explorador!

Não contente em explorar na renda ainda sobrecarrega o inquilino com o preço exorbitante da água, onde, pagando apenas \$60 mensais, ganha uma quantia ainda que ínfima, mas que bem revela o espírito ganancioso do indivíduo.

Conheço ainda outra infâmia do mesmo género. E' a sua autora uma senhora que mora em Arroios e tem um quarto andar alugado na Rua dos Correios, 180. Esta casa está toda ocupada em quartos, sendo a renda de um 18\$00, e dos restantes 7\$00, 6\$00, 5\$00 e 2\$50, e ela paga apenas 10\$00 de renda!

E' também contra exploradores deste género que esse órgão deve protestar. Quando acabarem estas infâmias?! — Pedro das Neves.

### Empregados dos Carris de Ferro

Na sua última reunião deliberou convocar uma sessão de propaganda contra a ganância dos senhorios.

### Secção da Construção Civil do Alto do Pina

Convida todos os inquilinos moradores na área do Alto do Pina, a reunirem amanhã, 20, em sessão de protesto contra os gananciosos senhorios.

Pede a comparecência de todos os camaradas e de suas companheiras.

### Manufactores de Calçado

Amãhã, às 20 e meia horas, realiza este sindicato uma sessão de protesto contra o aumento das rendas das casas. E' necessária a comparecência do povo que é inquilino. Far-se há representar nesta sessão a U. S. O.

### As perseguições no Brasil

RIO DE JANEIRO, 18 — O governo continua expulsando os elementos anarquistas e bolchevistas. Hoje foram expulsos 4 portugueses, 2 espanhóis e 1 grego. — Rádio.

### A justiça burguesa

Foi ultimamente pôsto em liberdade, após 34 dias de prisão, o operário da construção civil José de Albuquerque, que no dia 10 do mês passado encaptrou-se numa bicha para comprar açúcar, foi brutalmente agredido pela polícia que, ainda não satisfeita, o prendeu, apesar de ser um homem já de bastante idade e com muitos encargos de família.

## O parlamento francês

### Qual a sua nova constituição

PARIS, 15.—Com as actuais eleições, as primeiras que se realizam com a lei eleitoral de 12 de Julho de 1919, terá a câmara mais 24 membros pela Alsácia e Lorena: total 626 deputados.

As eleições nas colónias serão no dia 30 do corrente. A câmara deve ter 171 deputados novos, e mais se contarmos com as surpresas do escrutínio.

O sr. Briand, que era deputado pelo Loire, apresenta-se agora pelo Loire inferior, e o sr. Albert Thomas, que era pelo Seine, irá pelo Tarn.

Entre as notabilidades inscritas em diversas listas há a contar 12 generais e vários oficiais aviadores. — H.

PARIS, 16.—A câmara dissolvida compreendia 602 deputados e a nova compreende 626, dos quais pertencem 10 às colónias.

As eleições de hoje elegem 616 deputados: as das colónias devem realizar-se no dia 30. Dos deputados que saem 84 não se apresentam de novo por diversas razões e 15 de entre eles apresentam-se nas eleições senatoriadas. Deve haver na câmara nova 171 deputados novos, mas este número deveveramente ser aumentado, em consequência da derrota de alguns deputados que saem e que novamente se apresentam aos sufrágios.

O sr. Briand, antigo presidente do conselho, que representava o departamento do Seine, mudou e apresenta-se agora pelo Loire, Loire inferior e Var, respectivamente. Todos os deputados que pertenciam ao seu gabinete se apresentaram nas eleições.

Entre os candidatos figuram os generais Messimy, de Castellane, Maud'hui, Malletier, Sarraill, Roques, Boucauville e mais cinco. Figuram também entre os candidatos os oficiais aviadores Fonck, Herteaux e mais 7.

O número total dos candidatos eleva-se a 2:100, repartidos por 393 listas. — H.

PARIS, 17.—As eleições em França indicam a vitória dos republicanos moderados. Os últimos resultados apurados dão para os republicanos 1.315:725 votos e para os socialistas 889:000.

O sr. Longuet, chefe maximalista, foi batido, ao passo que os sr.s Briand, Klotz, Lebun, Mariz, Lonsheur, general Castelnau, Deschamps, Leygues, Tardieu, Viviani, Lefevre, Mandel, chefe do gabinete de Clemenceau, Maturice, Reich, general Maunully, Herriot, Castellan, Cassagnac, Pasquier, príncipe Murat, aviador Fonck, venceram.

Também foi derrotado o sr. Brignon. Ainda que os resultados são incompletos, é fora de dúvida que os republicanos bateram os socialistas em toda a parte, excepto no norte.

Os radicais socialistas perderam 41 lugares, os republicanos socialistas 8 e os socialistas unificados (grupo de Longuet) perderam 17 lugares. —











**Terra Livre**  
ROMANCE COMUNISTA  
POR  
**JEAN GRAVE**

II

Sobrevieram revoluções. Mudou-se por várias vezes de forma de governo: da Monarquia passou-se à República, da República ao Império, para voltar à Monarquia e depois duma dúzia destas mudanças tornou-se uma vez à República; porém, se durante essas revoluções se logrou mudar de monopolizadores do poder, se os operários tinham obtido algumas liberdades políticas, para a maioria deles de nada serviam tais liberdades, porque a sua situação continuava sendo miserável e não livre aquele a quem um trabalho exaltante retém na ignorância e na miséria, pois que para se exercer a liberdade é necessário dispor de tempo e dinheiro, do que carece sempre o trabalhador. Tais decepções, tão frequentemente repetidas, acabaram por inspirar aos proletários a convicção de que o governo não é mais que a argola que

os sujeita à servidão económica, e que qualquer que seja a mão que a segura, oprime sempre com dureza quando os oprimidos tentam reclamar o que de direito lhes pertence.

Compreenderam que o importante não era a forma de governo nem o inscrever-se nos códigos leis concedendo muitos direitos que a falta de meios de exercê-los faziam absolutamente inúteis; que a sua miséria resultava de que a sociedade estava dividida em ricos e pobres e dos pobres, obrigados, para comer, a vender as suas forças de trabalho aos ricos, serem por estes obrigados a trabalhar em seu lugar, tendo cuidadoso empenho em reter-lhes na miséria, para que estivessem sempre debaixo da sua dependência. Então, a luta mudou de aspecto: converteu-se numa luta dos pobres contra os ricos, dos esmeados contra os fartos.

Porém, o homem que trabalha doze horas diárias, escassamente pode desenvolver a sua inteligência, sobretudo quando seus pais, devido à miséria, se viram obrigados a tirá-los da escola antes de tempo para levá-los para a fábrica e também quando nessa escola se teve o cuidado de lhe ensinar que o existente não é susceptível de melhoria, que não pode ser de outro modo, e que se deve respeitar o aguilhão, o guarda, o juiz, o deputado, o governador e todo o governo, assim como o banqueiro, o patrão e a quantos sejam mais ricos do que ele.

Assim se explica que os trabalhadores tenham adquirido consciência da sua situação e das verdadeiras causas da sua

miséria com tanta lentidão. Só numa pequena minoria se desenvolveram as ideias de emancipação, a necessidade de participar dos gozos da vida, de ser homens e não máquinas de produção.

E assim, debaixo da influência desta minoria, as reivindicações tomaram um carácter económico, quer dizer: pediram-se mudanças na propriedade. Mas o erro político estava demasiadamente arraigado nos cérebros para desaparecer por completo e isto contribuía para dificultar os esforços dos que haviam compreendido.

No entanto, a educação ia avançando e as reivindicações acentuavam-se num sentido económico, tendo-se encontrado meio de ensaiar as forças operárias com o que se chamava greve geral, e que consistia em paralisar, num dado momento, o trabalho em todas as partes e em todos os ramos da indústria, para demonstrar aos burgueses que a vida social depende toda da actividade dos que trabalham. Em diversas ocasiões se tentou a greve geral, mas fracassou sempre por falta de acordo entre os trabalhadores, devido à ignorância da grande maioria. Porém essas tentativas, ainda que com êxito tam desgraciado, chamaram a atenção dum certo número, ensinando-lhes o que podia a união, conseguindo-se, por fim, um dia, quando menos se esperava, deter toda a vida social, cessar todo o trabalho, prolongando-se durante três dias a paralisação em várias povoações.

A maior parte das linhas do caminho de ferro viram o seu serviço desorganizado, não circularam os correios, ape-

sar de se ter tentado fazer o serviço por meio de soldados; nalgumas cidades ficaram bairros finteiros sem pão nem carne. Unicamente os grevistas que tinham feito provisões antecipadas, puderam socorrer os grevistas de última hora, arrastados pelo movimento. Por desgraça, este só se generalizou num pequeno número de localidades. Algumas cidades, que se julgava dariam o exemplo, iludiram todas as esperanças. Além disso, justo é reconhecer, entre os próprios grevistas havia poucos plenamente conscientes dos resultados a alcançar e viram-se sem saber que fazer com a vitória alcançada. Muitos voltaram ao trabalho contentando-se com as falazes promessas dos seus exploradores, enquanto que o governo fazia prisioneiros em massa. O movimento foi detido e acabou-se por dominar os seus iniciadores.

Porém, a burguesia sentiu um medo terrível e, querendo impedir a repetição do perigo, iniciou uma campanha jornalística. Demais, como nalguns pontos tinha havido conflitos com a tropa, com mortos e feridos de ambas as partes, a campanha foi muito fácil, tendo a burguesia feito jogo com todos os seus jornais. Por toda a parte se reclamaram medidas de rigor: dissolução de sociedades operárias, suspensão de órgãos corporativos, deportação dos agitadores e de todos aqueles que podiam inspirar ódio e medo aos laços da pena.

O governo, que não desejava senão isso, tomou autorização desse conjunto unânime — unânime porque se tinha

**LIMA NETO, MOURA & C.ª**  
Compra e venda de títulos  
nacionais e estrangeiros

Rua dos Retrozeiros, 100 a 106  
Esquina da rua dos Sapateiros, 1 e 3

TELEFONE 3844 TELEGRAMAS — "IMAN"

**OURIVESARIA**  
**A REALIDADE**  
OURO E JOIAS  
Compra e vende por melhor preço

**OURIVESARIA**  
**A Realidade**  
44, Rua Eugénio dos Santos  
(Antiga Rua de Santo Antão)

**Quereis fazer economias?**  
COMPRA NA  
**Louçaria do Póço Novo**

Louças esmaltadas, vidros, jarras, can didros, faianças, porcelanas, etc., etc.

Serviços de jantar e almoço em faiança e porcelana.  
Variedade em objectos para brindes. Sortimento em artigos de uso doméstico.

**PREÇOS DA FABRICA**  
Largo do Póço Novo, 22 — Lisboa  
(fundo da C. do Combro, defronte da Palmeira)

**"Garantia"**  
Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres  
FUNDADA EM 1853  
SÉDE NO PORTO: RUA FERREIRA BORGES  
(Edifício próprio)  
Capital 1.000 CONTOS  
(Um milhão de escudos)

Sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1918: 6.579.529\$26,6  
Dividendo distribuído, idem, idem: 1.394.000\$00

Efectua seguros contra riscos de fogo, industriais, lucros cessantes, aluguéis de prédios, greves e tumultos (em prédios e mobílias), agrícolas, automóveis, riscos marítimos e riscos de guerra.

Agentes em Lisboa  
**José Henriques Totta & C.ª**  
BANQUEIROS  
69 a 79, Rua Aurea, 69 a 79  
Telefone 533 e 1589 Central

**Decreto n.º 5637 de 10 de Maio de 1919**  
Obrigou todos os patrões a segurar contra ACIDENTES DE TRABALHO TODOS OS SEUS ASSALARIADOS, (operários, domésticos, trabalhadores rurais, etc.)  
Pedir exemplar do Decreto bem como todas as informações sobre este assunto á

**A MUNDIAL**  
COMPANHIA DE SEGUROS  
S. A. R. L.  
CAPITAL: 500.000\$00  
RESERVAS: 405.402\$76,7  
Sede — RUA GARRET, 95  
Agências, serviços médicos e farmacêuticos organizados em todos os pontos do País.

A MUNDIAL foi a primeira Companhia Portuguesa autorizada a explorar os eguros de Acidentes de Trabalho.

**TUBO** do chumbo novo para Agua e Gás.  
Tubo de ferro fundido para algerozes de 4".  
Zinco em barra para galvanização do ovinhos.  
Apo francês especial para minas 1" 1/4 e 1 1/2.  
Rodas Decauville novas.  
Prancheta de ferro 1" x 3/16.  
Meia cana 1" 1/2 x 1 1/2.  
Folhas novas de molas.  
Vergalhão de ferro novo 1" 3/4 quadrado.  
Ferragem diversa para navios.  
Paus de carga.  
Um motor a gaz pobre completo Steoport 30 HP.  
Serra circular com mesa de ferro.  
Uma ventoinha 7" 3/4.  
Duas enfardadeiras para palha.  
Uma enfardadeira para cortiça.  
Madeira para calças de exportação.  
Vende: A. B. dos Reis.  
Cais do Sodré, n.º 52 — Tel: C. 4317.

**A Minha Defesa**  
por Jorge Etievant

Auto-defesa do autor no tribunal, é uma das melhores obras de propaganda social revolucionária.

Pedidos desde já á administração de A Sementeira, Cais do Sodré, 38, ou na administração deste jornal.

Cada exemplar, 5 centavos.

**Reumatismo**  
Seja ele de que qualidade for e antes que seja, a sua cura é certíssima e em poucos dias sentindo-se prontos ali logo em seguida às primeiras vezes se usar. Cada tubo \$50, pelo correio mais \$20. Vende-se na travessa da Veira, 21, r/c. D. (ao Largo da Treia)

**Vapor BEIRA**  
Sairá no dia 25 de Novembro para Funchal, S. Tomé, Loanda (S. Nicolau), Culo, B. Velha, Quissambo, Ambrise, te, Quinzua, Quissanga, Boma, Nôqui, Matadi, Landana, Mucula e Musserra, com baldeação em Loanda, Lobito, Mossamedes, Cabo, Lourenço Marques, Beira, Mocimbo, e para Inhambane, Ibo, P. Amélia, B. Dias, Angoché e Tungue, com baldeação.

**Vapor MOSSAMEDES**  
Sairá nos fins do corrente mez, para S. Vicente, Praia, Príncipe, e S. Tomé.

Para carga, passagens e quaisquer esclarecimentos, trata-se nos escritórios da Companhia Nacional de Navegação

Em Lisboa: Rua do Comércio, 85.  
No Porto: Rua da Nova Aliança, 76, 1.º.

**PAPELARIA**  
Viuva de Manuel da Costa Marques & C.ª Limitada  
Rua do Ouro, 36  
Telefone 2.676-C.

**COMPLETO SORTIDO DE ARTIGOS PARA ESCRITORIO**

**SIFILIS**  
Grande descoberto de plantas para a cura da sífilis e de todas as doenças que derivam da impureza do sangue. Contem os meios de se curar. Trata-se de todas as doenças por meio de ervas. Preço, 600 réis. Travessa da Oliveira, 21, r/c do chio, diário, á Estrela.

**"A BATALHA"**  
DIÁRIO OPERÁRIO DA MANHÃ  
Redacção e administração  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A-2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
Enderço telegráfico — Talhara — LISBOA

**ASSINATURAS**  
Pagamento rigorosamente adiantado

Lisboa: 1 mês, 560 — Portugal, Ilhas, Colónias e Espanha, 5 meses, 1470; 6 meses, 840; 1 ano, 680. Territórios da União Postal: 6 meses, 520; 1 ano, 1040.

Não se costumam pedidos de assinatura que não venham acompanhados da respectiva importância. — A despesa da cobrança que tiver de ser feita pelo correio é aumentada ao preço da assinatura

**ANÚNCIOS**  
Recebem-se, bem como reclamações, avisos, comunicados e qualquer outra publicação identica, aos preços da tabela, na administração da Batalha, nas agências Havas, Bastos & Gonçalves, Americana, etc.

Comunicados e anúncios, quando contem acusações a particulares ou relativos à vida privada seja de quem for, não se publicam, reservando-se o direito à administração de A Batalha, de recusar anúncios ou qualquer outra matéria paga quando, por motivo de ordem moral, entenda dever recusar.

**A cargo do anunciante o imposto de selo, 2 centavos**  
Aceitam-se anúncios de todo o país, ilhas, colónias e estrangeiro.

**TABELA DE PUBLICIDADE**  
Artigos, reclamações e comunicados, 3.ª página, cada linha..... \$30  
Na 4.ª página..... \$08  
Anúncios por contrato, abatimentos especiais.

**Bolsim de trabalho:** anúncios até 3 linhas, por intermédio das associações ou seus sindicatos, procurando emprego, gratis.

De Precisa-se de trabalhadores, nem empregados, 8 centavos cada linha.

Comunicados e anúncios de Associações, Cooperativas e outras organizações de carácter operário, preços excepcionais.

A marcação dos anúncios é feita pelo linótipo de corpo 6.

**As valentes e PERAS**  
Para a rapaziada  
Mais de dez mil pares de botas

Botas brancas as Valentes para a rapaziada a 7\$50, \$9\$250 e 9\$750.

Botas pretas ou de cor a 6\$750, 8\$750, 9\$750.

Botas pretas de vitela americana a 10\$500, 12\$500, 13\$500 e 15\$500.

Sapatos em pelica para senhora a 6\$750, 7\$500 e 8\$500.

Sapatos em pelica-verniz para senhora a 11\$500, 12\$500 e 14\$500.

Grande variedade de calçado de luxo para senhora, homem e criança

Venham vêr as Valentes

Manda-se calçado para a Provincia contra reembolso

Fornecedor dos empregados dos Caminhos de ferro Portuguezes e do Sul e Sueste e Cooperativa dos empregados do "Diário de Notícias".

**Sapataria de S. Roque**  
LARGO DE S. ROQUE, 16, 17

**AMBRINA**  
Para queimaduras, frieiras, acidentes de trabalho, como golpes, contusões, etc.

A venda em todas as farmacias

Agentes gerais: CALDAS, Lda  
T. REMOLARES, 30, 2.º

**Trabalhadores lêde e propagai A BATALHA**

**Biblioteca de A BATALHA**  
LEITURA QUE RECOMENDAMOS

Adrian del Vale — Jesus na guerra..... \$50	Krapotkine: Os bastidores da guerra..... \$03	Tolstoi: A próxima revolução..... \$30
Albert — O amor livre..... \$50	ra..... \$03	A escravidão moderna..... \$40
Alfredo N. Dias — A Razão (poema social)..... \$05	A conquista do pão..... \$50	Pão para a boca..... \$20
Berthelot — Evangelho da Hora..... \$05	Palavras dum revolucionário..... \$50	do clero..... \$30
Carvalho — Nem Deus nem Diabo..... \$30	A grande revolução (2 vol.)..... \$100	Varennes — O terrorismo em França..... \$70
Claro — Oração da fome..... \$18	Em volta duma vida..... \$105	Zola: A taberna (3 v.)..... \$120
Dufour — O sindicalismo e a próxima revolução (2 vol.)..... \$100	A anarquia — Sua filosofia, seu ideal..... \$20	A obra (2 v.)..... \$80
Delaisi — Os financeiros, os políticos e a guerra..... \$05	Landauer — A Social Democracia na Alemanha..... \$02	A terra (2 v.)..... \$80
Delassalle — A Confederação do Trabalho..... \$03	Leone — O sindicalismo..... \$50	A alegria de viver (2 v.)..... \$80
E. Silva — Teatro livre e arte social..... \$05	Libertas — O rei e o anarquista..... \$03	Lourdes..... \$105
Etievant — A minha defesa Gorki: Os vagabundos..... \$40	Lima (Adolfo): Educação e ensino..... \$40	A SEMENTEIRA — 4.º ano e até ao último número da 1.ª série, 16 números, 128 páginas de sociologia, biografia, gravuras, etc..... \$30
Os degenerados..... \$40	O movimento operário em Portugal..... \$20	Os 2 primeiros anos da 2.ª série, 1916-1917, com ótina e variada colaboração, canções revolucionárias com música, trovas sociais, teatro, gravuras, etc., além de cerca de 400 receitas, fórmulas e conselhos, um volume de 384 páginas, solto..... \$50
Scenas de família..... \$40	Malatesta: Em tempo de eleições..... \$02	Os 4 anos da 2.ª série (1916 a 1919) 656 páginas..... \$100
A mãe..... \$65	Entre camponeses..... \$10	FOTOGRAVURAS (em papel coucho), de Bakunine, Berthelot, Caffero, Darwin, Faure, Ferreira, Gori, Lorenzo, Morris, Paepe, Proudhon, Reclus, Sudermann, Stepiak, cada..... \$02
Angustia..... \$30	A política parlamentar no movimento socialista..... \$02	O ZE (Número comemorativo do 1.º de Maio 1919)..... \$02
Na prisão..... \$40	Marx — O capital..... \$50	
Os ex-homens..... \$30	Molinari — Problemas sociais..... \$25	
	Nordau: A mentira religiosa..... \$20	
	A sociedade futura..... \$50	
	O indivíduo e a sociedade..... \$50	
	A anarquia — Fins e meios..... \$105	
	Hamon: Psicologia do militar profissional..... \$50	
	Psicologia do socialista-anarquista..... \$50	
	Socialismo e Anarquismo..... \$25	
	Roland — A Rússia Nova..... \$10	
	Salgado — Mentiras religiosas..... \$45	

Satisfazem-se todos os pedidos destas e de outras publicações, quando acompanhados das respectivas importâncias, e dirigidos à administração de A BATALHA.

**CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º**  
LISBOA — PORTUGAL